

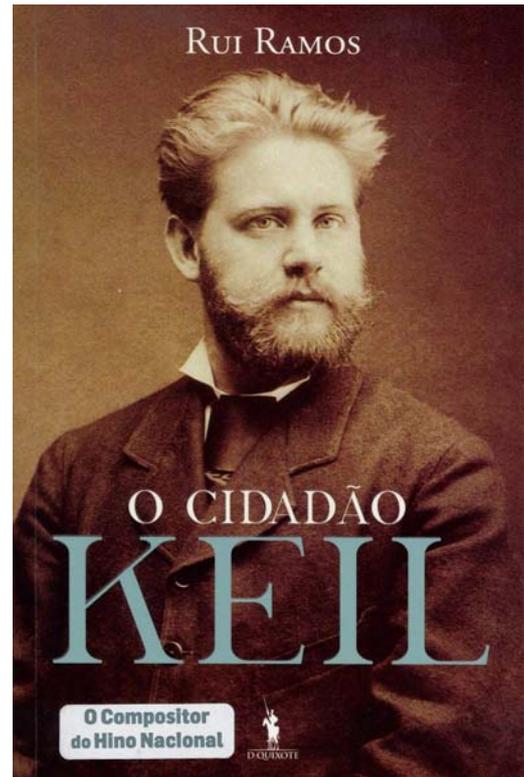
## ALFREDO KEIL E OS MISTÉRIOS DE *A PORTUGUESA*

Mário Beja Santos<sup>1</sup>, [beja.santos@dg.consumidor.pt](mailto:beja.santos@dg.consumidor.pt)

Não fosse o Hino Nacional e o nome Alfredo Keil permaneceria numa semiobscuridade, com muito pouca gente interessada em saber se este compositor e artista plástico era convictamente republicano ou se banhava por resignação nas águas da monarquia. Para procurar responder a alguns mistérios que envolvem o nome de Keil, os seus ideários e até a sua cultura de patriotismo cívico, um historiador procura desvelar Keil devolvendo-o à época em que viveu. O resultado é altamente estimulante: “*O Cidadão Keil*”, por Rui Ramos (Publicações Dom Quixote, 2010).

Na manhã de 5 de Outubro de 1910, relata o autor, os revolucionários que desceram da Rotunda pela Avenida da Liberdade até à Câmara Municipal para aí proclamarem a República tiveram a companhia de duas bandas de música, as dos regimentos de Caçadores 5 e Infantaria 6, que incansavelmente fizeram ouvir *A Portuguesa*, composta vinte anos antes por Keil, ao tempo em que este já era um nome conhecido como um dos mais conceituados compositores ou práticos nacionais.

Está hoje comprovado que Keil merecia ser mais escutado e até respeitado como artista plástico. Mesmo a notoriedade que ganhou com *A Portuguesa* não resolveu todas as desconfianças à volta das suas ideias e da sua obra: o que o levou a compor *A Portuguesa*? Como classificar a sua ausência relativa dos teatros de ópera, a nível nacional e a nível internacional? Como apreciar o seu trabalho no contexto de um



<sup>1</sup> Professor do Ensino Superior, autor de livros e artigos nas áreas das políticas de consumidores e qualidade de vida, Técnico Superior da Direcção-Geral do Consumidor.

projecto cívico que não parou na monarquia, dado o facto de o seu nome ser exaltado tanto pelo Estado Novo como pela oposição?

Nascido no meio económico desafogado, filho de alemães, Keil era assumidamente um patriota, motivava-se pelo progresso, pelo incremento musical, sintonizou-se com o projecto que animava os líderes políticos da monarquia constitucional de 1834: o de fazer de Portugal uma comunidade de homens iguais e educados, unidos pelo patriotismo. À semelhança de muitos outros que se movimentavam na alta sociedade, Keil comportava-se como se desempenhasse um serviço público. Buscava, tanto na música como na pintura, temas portugueses. Todas as suas obras falam de histórias portuguesas, compôs uma cantata dedicada à Pátria, recolheu e aproveitou lendas e tradições que ecoam nas suas óperas mais conhecidas, *A Serrana* e *D. Branca*.

*A Portuguesa* surge depois do ultimato da Grã-Bretanha, a 11 de Janeiro de 1890. Uma parte expressiva da sociedade portuguesa manifestou-se revoltada com a humilhação britânica. Os intelectuais começaram a suspirar por uma “vida nova” e começou a falar-se abertamente em revolução. Os ânimos estavam inflamados, o patriotismo prevalecia em toda a cena pública. Nos últimos dias de Janeiro, Keil procurou Henrique Lopes de Mendonça e pediu-lhe a letra para uma música que já estava composta. Este terá respondido: «Isso é uma tarefa terrível. Compor versos para uma música já feita! Chama-se a isso andar o carro adiante dos bois». Ao tempo em que Keil se solidarizava com esta marcha patriótica outros reagiam: no Porto, Guerra Junqueiro e o maestro Miguel Ângelo Pereira fabricaram uma *Marcha do Ódio* e em Lisboa José Maria Dupont de Sousa e o maestro João Pedro Rio de Carvalho dedicaram um *Hino do Futuro* à Associação Académica. Foi *A Portuguesa* que conquistou as audiências. Escreve o autor: «No final de Abril de 1890, *A Portuguesa* constava dos programas de três dos oito teatros de Lisboa. Já tinha sido executada em S. Carlos e no Coliseu dos Recreios». *A Portuguesa* tornou-se um ícone, como se pode ver pela oferta que a Fábrica de Bolacha e Biscoito da Pampulha dava aos seus clientes: um retrato de Serpa Pinto e um rótulo de *A Portuguesa*, além de ter criado bolachas Serpa Pinto e *A Portuguesa*. A exaltação patriótica estava no auge, tal como a mitologia do estado cívico. Depois deu-se a divulgação pelas bandas filarmónicas da província. Começava um grande equívoco: os governos da monarquia comportavam-se como zeladores pela batalha do patriotismo, enquanto os jovens radicais se manifestavam contra as

instituições acusando-as de ceder as terras de África em troca da protecção inglesa ao trono dos Braganças. Havia a anglofobia dos republicanos e a hispanofobia dos liberais. A luta pelo poder assumia novas dimensões e *A Portuguesa* foi apropriada pela esquerda republicana como um contra-hino, com o objectivo de amesquinhar o hino oficial. Doravante, *A Portuguesa* passou a dominar as manifestações patrióticas, a música adaptou-se à letra de Lopes Mendonça e passou a correr a lenda de que a estrofe “contra os canhões” teria sido originalmente “contra os bretões” (o que não era verdade). Keil e Lopes Mendonça procuraram esclarecer que *A Portuguesa* era completamente alheia à política dos partidos, era um canto patriótico e nada mais, a sua única ambição era reunir em volta da bandeira da Pátria todos os corações portugueses. Rui Ramos esclarece o barómetro de popularidade de *A Portuguesa* e a sua dupla existência, o do patriotismo mais limiar e o da apropriação pela esquerda republicana.

Keil morreu em 1907, não assistiu à ascensão meteórica do Partido Republicano. Com a morte do rei D. Luís, Alfredo Keil perdeu protecções e a sua vida económica passou a ser semeada de dificuldades. O seu nome também foi esquecido e levantaram-se críticas à sua obra. Isolou-se e não escondeu o ressentimento, considerando-se vítima de uma conspiração sinistra. Keil, importa não esquecer, dava-se muito bem com republicanos, mas também com miguelistas, chegou a oferecer alguns dos seus quadros a Manuel de Arriaga, futuro presidente da República e convivia com os ricos republicanos, como Francisco Grandela. O autor conclui esta viagem pelo tempo e a obra de Keil destacando que a sociedade portuguesa da segunda metade do século XIX, sob o regime liberal, permitiu o florescimento de personalidades como Keil, gente naturalmente não facciosa, cultores do ultra-romantismo mas abertas ao progresso e à solidariedade. A partir de 1910, a sociedade portuguesa tornou-se sectária, à esquerda e à direita, e mesmo quando Keil era um nome respeitável pelo Salazarismo e pelos seus opositores, a complexidade do seu processo cultural não era percebido e esta ignorância chegou ao nosso tempo. Daí a injusta desvalorização e incompreensão de que tem sido alvo a sua obra, a vários títulos de grande finura e de muito boa qualidade.